

A terceira margem do rio: sobre as vicissitudes do luto na clínica contemporânea^[1]

Sandra Matoso Trombetta Quintans^[2]

RESUMO: Em 1917, Freud afirma que, embora o luto implique graves desvios do comportamento, não nos ocorreria considerá-lo um estado patológico ou indicar tratamento, e a autora se pergunta em que medida essa assertiva continuaria válida para os nossos dias. Tomando como fundamento a sua clínica, entende que há diferenças: situações de luto hoje são frequentemente diagnosticadas e medicadas como se fossem estados patológicos, e a indicação terapêutica é uma realidade de rotina. Quais seriam os possíveis elementos que dão substância a essas diferenças? Recorrendo a um conto de Guimarães Rosa como metáfora; à psicanálise e a alguns pensadores sobre a cultura contemporânea como substância; e a fragmentos de sua clínica como ilustração, a autora propõe reflexões e apresenta sua posição sobre as vicissitudes do luto na clínica dos nossos dias. O psicanalista poderia se constituir enquanto parceiro gerador do processo simbólico, tanto para vivência quanto para transição e elaboração do luto?

PALAVRAS-CHAVE: luto, dor, assimilação, função alfa, psicanálise

1. Dedico este trabalho ao dr. Mário Smulever (in memoriam), por sua inestimável participação em minha vida, pela qual tenho enorme gratidão. Agradeço ao dr. Isaias Kirschbaum (in memoriam), por sua atenta e gentil leitura, pela psicanalítica amizade que tanta falta me faz.

2. Psicanalista. Especialista em psicanálise e doutoranda em psicologia. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

*Las lágrimas que no se lloran
esperan en pequeños lagos?
O serán ríos invisibles
que corren hacia la tristeza?*

– Pablo Neruda, *Libro de las preguntas*

Quando eu era menina, num tempo entre a infância e a adolescência, uma colega de escola perdeu sua mãe. Como se pode imaginar, foi um acontecimento impactante para mim e para a maior parte das alunas, e algumas imagens ficaram gravadas em minha memória, só ganhando sentido muitos anos mais tarde. Refiro-me a sinais que, à época, me pareceram misteriosos, indicando que algo de diferente se passava na vida de minha colega e dentro dela: seus olhos tinham um brilho profundo e se mostravam sempre tristes, seus gestos pareciam mais lentos do que os da maioria de nós, e dela se ouvia quase sempre o silêncio. Ela passou a usar meias pretas e um pequeno pedaço de tecido negro atado à camisa por um alfinete e, nas poucas vezes que a flagrei a sorrir, era um sorriso sem alegria. Que mundo seria aquele que ela passara a habitar?

Hoje sei que o pequeno tecido negro preso à sua roupa é chamado “fumo”, em alusão aos tempos nos quais os mortos eram queimados em fogueiras e seus parentes tinham as roupas escurecidas pela fumaça. Hoje alcanço a percepção de que a imagem dessa colega bem ilustra o quadro descrito por Freud (1917/2016) como característico do processo de luto: reação à perda de pessoa amada, ou de abstração que ocupasse semelhante lugar, que se caracteriza por um estado de ânimo de profunda dor, no qual é suspenso temporariamente todo o interesse pelas coisas do mundo externo e ficam provisoriamente inibidas as capacidades de amar e de realizar. Definindo-o como um trabalho mental, Freud assevera que o luto é uma longa e paulatina aproximação da realidade da perda com conseqüente retirada dos investimentos libidinais anteriormente atrelados ao objeto perdido. Ao fim, se tudo correr bem, as capacidades do Eu se reestabelecerão e as inibições serão vencidas. Apesar da gravidade do quadro e dos grandes comprometimentos, nos disse Freud, o luto era costumeiramente entendido como natural, e sabia-se que era passageiro. Cito-o:

Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo. (Freud, 1917/2006, p. 103)

Mas, proponho a questão: será que essa assertiva freudiana ainda vale para os nossos dias? Será que em nossos contemporâneos dias temos espaço para suportar as tarjas negras, nas roupas ou nos gestos, indicando a realidade psicológica do luto? Não é o que costumo perceber nas muitas situações que acompanho em minha clínica. Em meu ofício sou convocada a ajudar em circunstâncias que potencialmente teriam

todas as chances de caminhar sozinhas, evidenciando que a natural dor da perda – dos entes queridos ou das abstrações – parece não mais encontrar semelhante apoio em nossa cultura, e com frequência os sinais do luto são interpretados como se doenças fossem. Tal qual os partos cesáreos, que deveriam ocorrer somente em casos específicos e hoje são adotados como prática de rotina por parte significativa dos profissionais da área, a busca pelo acompanhamento terapêutico e medicamentoso do natural processo de luto parece ter passado de ocorrência eventual à condição de regra. Isso parece denunciar a carência ou indisponibilidade dos elementos psicológicos e culturais que, noutras épocas, como era o caso no tempo referido por Freud, permitiam viver a experiência da perda sem a situar no espectro do adoecimento.

Um exemplo: fui procurada pela irmã de uma jovem senhora que perdera seu companheiro de forma inesperada uma semana antes da consulta. Ao telefone, solicitou-me uma psicoterapia urgente para a sua irmã, supondo ainda a necessidade de um acompanhamento medicamentoso. Cuidei de tranquilizá-la: diante das circunstâncias relatadas, parecia natural o sofrimento vivido pela irmã; e agendei um horário para melhor avaliar a demanda. Em consulta, a jovem mulher me narrou os fatos e o seu sofrimento, e descreveu as angústias e preocupações de seus familiares. De sua parte, disse-me, não sentia necessidade de psicoterapia, mas acataria a minha indicação. Eu lhe disse que também não via a necessidade de uma psicoterapia no momento. Certamente atravessaria dias difíceis, mas os afetos da família e o tempo se encarregariam de ajudá-la. Caso sentisse necessidade, se sua dor não minorasse ou se seus interesses não voltassem a fluir, eu estaria à disposição. A paciente agradeceu parecendo aliviada, talvez restituída do seu direito de viver, em seu recolhimento, a necessária e pertinente dor.

O que terá sido extraído de nosso funcionamento mental ou de nossa cultura que tornou tão indigestas as naturais dores das perdas, absolutamente intrínsecas à experiência humana?

No belíssimo conto “A terceira margem do rio”, Guimarães Rosa (1962/1994) apresenta-nos o encontro entre a vida e a morte às margens de um caudaloso rio, e a longa e difícil tarefa de elaborar um luto. Na história ali narrada, o pai, homem de poucas palavras, manda fazer uma canoa. Madeira boa, que pudesse durar uns 20 ou 30 anos; forma pequena, o bastante para um homem. A mãe, intrigada, intuitiva, protesta, mesmo sem nada saber sobre o projeto do pai. Mas o intento do pai avança, à revelia, até chegar o dia em que a canoa é concluída. O pai se apronta, pouco se abastece, pouco se despede, e desaparece nas águas do rio. Para onde ou até quando, ninguém sabia, e o não saber pôs a todos da família em perene prontidão.

Às margens do rio se postaram os familiares, meses a fio, buscando ver o pai. Às margens do rio deixaram roupas e alimentos, como se fizessem oferendas a um ser etéreo. Às margens do rio ficou o menino, também ele como uma oferta, até o envelhecer, *colabado* entre o não saber e a esperança, entre o passado e o futuro – tempos que, por não existirem, não permitem viver o hoje.

Aprisionado em sentimentos confusos e fatos que não conseguia assimilar, o menino ficou às margens do rio da vida, em um esperar sem fim, até que a percepção da própria mortalidade introduziu a necessária turbulência para que a imobilidade se desfizesse.

Ao modo de um sonho, Guimarães condensa em imagem o aprisionamento de uma vida diante de um luto que não se consegue realizar, o extraordinário sofrimento perenizado pela denegação da realidade, talvez pela melancolia.

Saindo da poesia para os nossos dias, esse quadro é justamente aquele que o cientista político Mark Lilla (2016) teoriza, usando também o rio como metáfora, sobre os sentimentos que hoje dominam uma parcela significativa da população mundial, para a qual ele cunhou a expressão de *mentes naufragadas*. Ele afirma que essas pessoas vivem como se tivessem sido excluídas do rio do tempo por um acidente e ficado como um barco naufragado às margens da história. Para Lilla, apoiadores de Donald Trump, do Estado Islâmico, fundamentalistas cristãos e uma parcela da esquerda estariam dentro desse grupo de pessoas dominadas pela nostalgia de um mundo ideal que entendem ter tido um lugar no passado ou poder vir a existir no futuro. Contudo, completa o autor, essa visão exclui o hoje, a realidade do hoje, único tempo que existe e do qual dispomos para trabalhar e transformar nosso mundo.

A cultura que, como intérprete da realidade, potencialmente ofereceria representações para ajudar a aceitar e assimilar a realidade, contemporaneamente privilegia o entretenimento e o espetáculo, em contraposição à interpretação e à metáfora. Isso é o que Mário Vargas Llosa (2013) tem denunciado em diversas plataformas ao redor do mundo, destacando que as pessoas buscam o divertimento, e não os elementos que podem auxiliar na árdua tarefa de existir.

No desfazer das ilusões, que caracteriza a transição da modernidade para a pós-modernidade, parece haver a tentativa de fazer dos partos de nossas subjetividades procedimentos cesáreos, sob o torpor atenuante de medicações ou terapias que reassegurem a excepcionalidade da dor. Mas a interrupção das dores do parto pode ter seu preço, como manter-nos aprisionados ad infinitum a uma situação mental que, ademais de trazer dor e sofrimento, poderia trazer ensinamentos e deveria ter um fim.

Talvez os adolescentes, mais que todos, revelem as consequências dessas dificuldades de viver os lutos em nosso mundo contemporâneo, pois vivem um tempo, por excelência, de grandes lutos: a complexa saída do útero afetivo dos pais, longa travessia que caracteriza a passagem da infância para a vida adulta. Se denegadas as dores que caracterizam essa passagem, os adolescentes poderão permanecer enclausurados entre a infância que já não existe e um futuro idealizado, que tampouco há – quedados em trânsito entre o passado e o futuro, que, por não existirem, os deixam num mundo sem luz.

As expectativas de atingir a perfeição por meio do conhecimento e da ciência, que caracterizaram a modernidade, parecem ter transformado os pais em potenciais

fornecedores do melhor produto para os seus filhos. Especialistas de toda ordem passaram a ser consultados com perspectivas de suprir todas as necessidades das novas gerações, como se pudéssemos, finalmente, alcançar a excelência. Mas isso não se coaduna com a tarefa de educador ou com a realidade humana. A realização plena não cabe no tamanho humano, inalienável das dores ou dos lutos que, como vimos, são condicionantes da transformação e do crescimento. Em minha clínica, recebo pais atônitos diante dos sofrimentos de seus filhos. “Eles tiveram tudo o que não tivemos!” Não menos sofredores, buscam compreender o que mais deveriam ter oferecido aos seus descendentes. Os jovens, deprimidos, com punhos cortados, relatam angústias, um sentimento de vazio e o pequeno alívio que alcançam com as mutilações realizadas. Como no desenho *Wall-E*, filme de Andrew Stanton (2008), estaríamos condenando nossos jovens a circular entre mares, em naves que reproduzem um mundo tão ideal quanto irreal, sem que jamais possam pisar em terra firme?

Assim, na clínica contemporânea da psicanálise, encontramos situações de luto que, embora não se caracterizem dentro daquilo que Freud (1917/2016) denominou “melancolia” (que traria acrescido ao luto a depreciação do sentimento-de-si), ainda assim são um luto adoecido, talvez por não contarmos com alguns elementos culturais que até meados do século passado parecíamos contar. O psicanalista, se atento ao fato e emocionalmente experiente nas travessias do luto, poderá ocupar esse lugar, outrora campo da cultura, favorecendo o reconhecimento das perdas e propiciando o natural andamento do processo do luto.

Em excelente livro sobre as ideias de Bion, Isaias Kirschbaum (2017) denomina de “in-digestão mental” as situações em que vivemos experiências que não conseguimos assimilar. Fazendo um paralelo com a medicina física, ele evoca a situação orgânica da ingestão de um alimento que, apesar de estar dentro do nosso corpo (no nosso estômago, por exemplo), ainda não está em nosso organismo, não entrou em nossa corrente sanguínea. De modo semelhante, diz o autor, algumas experiências que vivemos e temos dentro de nós – como é o caso das perdas não reconhecidas que ora tratamos – podem ainda não ter entrado em nosso mundo mental, não foram assimiladas. E ele completa: a enigmática *função alfa*, proposta por Wilfred Bion, seria a *enzima* que propicia essa entrada das experiências vividas em nosso mundo mental, permitindo a sua *digestão*.

Melanie Klein (1935/1996, 1940/1996), que avançou sobre o tema do luto para além das preciosas contribuições de Freud, atribuiu a ele um valor central para o desenvolvimento humano. Ela estendeu a pressuposição de seu trabalho para todas as experiências de perda que temos desde o nascimento, da saída do útero materno, ou do desmame, até àquelas tantas que sofremos na vida adulta. A cada perda, ensinou-nos a autora, revivemos nossos primeiros lutos e subjacentes angústias, o que confere à experiência uma centralidade ainda maior em nossa clínica, exigindo do analista uma atenção particular para as suas nem sempre óbvias aparições.

Apresento a seguir um fragmento de minha clínica que tenta exemplificar as formas indiretas pelas quais a realidade das perdas se apresenta, e a possível contribuição do analista em sua nomeação.

A paciente trouxe um sonho: nas margens de caudaloso rio crianças se banham alegremente. Todos sabem de seus perigos e fortes correntezas. Em dado momento, uma das crianças desaparece sob as águas e seguem-se várias cenas de uma busca angustiada até que, finalmente, ela é entendida como morta. Mas a angústia maior presente no sonho, relatou minha paciente, não era a morte da criança – mas o fato de não terem encontrado o seu corpo.

“Não é que apenas estivéssemos tristes, é que não tínhamos um cadáver para velar.”

Ainda no sonho, tempos depois do triste acontecimento, a família estava na varanda de uma casa, nas proximidades do rio, quando a criança dada por morta reaparece, coberta por lama e folhagens, e com um odor fétido que empestou todo o ambiente. Questionada, a criança justifica: “De onde vim, todos cheiram desse modo!”.

Os adultos da casa encaminharam-na para que tomasse um banho; contudo, em seu íntimo, minha paciente sabia que aquele odor jamais sairia de seu corpo.

Nas associações, a paciente relatou medos difusos sobre a saúde dos seus filhos, lembranças de permanentes preocupações sobre a vida dos irmãos, quando ainda eram pequenos, e uma inusitada recordação que a surpreendeu: um gravíssimo acidente com uma irmã mais nova que sofrera extensa queimadura quando ainda bebê e sua longa internação em um hospital de uma cidade próxima, que contava com maior recurso médico. A família passou semanas sem notícias. Sua recuperação seria um milagre, sussurravam os adultos. Entretanto, tempos mais tarde e para a perplexidade de todos, a pequena irmã retornou sem nenhuma sequela para o seio de sua família.

Sugeri à minha paciente que o sonho parecia falar desse acidente e da suposição da morte de sua irmã, mas isso foi recebido com surpresa e desconcerto. Percebendo que havia ingressado em área sensível, me acautelei e lentamente compartilhei com ela a ideia de que, para uma criança pequena, a espera prolongada e sem notícias de situação incerta sobre a vida de uma pessoa querida poderia ser insuportável, especialmente considerando a ausência de notícias e as expectativas negativas dos adultos. Poderíamos imaginar que, assim como alguns familiares, ela tenha entendido que sua irmã não mais voltaria, assimilando essa perda dentro de si antes mesmo de saber seu real estado.

A tensão se adensou na sessão, e algumas lembranças de situações até então não compreendidas chegaram à sua mente: em várias ocasiões a irmã acidentada fora esquecida por ela e pelos outros irmãos. Em brincadeiras, festas, situações de adoecimento, ela simplesmente fora esquecida.

“Não me pergunte o porquê, eu não sei!”

Com vagar, disse que poderíamos imaginar que tenha sido como se, depois da ausência prolongada da irmã e de seu pressuposto falecimento, tivesse voltado uma

outra criança. Tal pensamento desencadeou uma complexa e sofrida compreensão em minha paciente sobre a exclusão de sua pequena irmã do mundo afetivo da família. Nos dias que se seguiram, ela me pediu sessões extras para partilhar o sem número de sentimentos e lembranças que haviam lhe invadido.

“Com quem, senão com você, eu poderia chorar pelo que hoje compreendo?! Não consigo parar de chorar, parece que abri uma fonte dentro de mim.”

O que para a analista pareceu nítido – a relação entre o desaparecimento da criança no sonho e o acidente vivido por sua irmã – é percebido com grande surpresa pela paciente. As conexões nunca antes reconhecidas de afetos e lembranças com a experiência da dor e da perda parecem ter dado início à necessária travessia de lutos que, se bem tenha lhe posto em contato com o sofrimento, também abriu o espaço para que chorasse as lágrimas guardadas e compreendesse a até então enigmática exclusão familiar dessa irmã. Ainda como consequência dessa abertura à vivência do luto, iniciou-se uma consciente reaproximação daquela irmã e sua inclusão nos encontros familiares.

Estaríamos, qual o menino de Guimarães, às margens do rio da vida, a denegar a realidade do que já não há? Parece-me que não. Se tivéssemos que localizar nossa contemporaneidade no conto, eu diria que estamos naquele instante em que o menino percebe que, se não renunciar à ilusão, também será arrastado pelo rio. Vivemos os turbulentos momentos do crescimento, borbulhas daquilo que já está em curso. A abertura para o novo já se iniciou, vemos uma pluralidade de reflexões sobre a vida e a morte por todos os campos do conhecimento, atestando que as primeiras lufadas dos novos tempos começam a ganhar corpo em nossa cultura. Assim como temos Llosa e Lilla, anteriormente citados, se abrirmos a web ou entrarmos em uma livraria, depararemos com pensadores como Clóvis de Barros Filho e Leandro Karnal (2016) ponderando sobre a inevitabilidade da dor, ou a geriatra Ana Cláudia Quintana Arantes (2013) discorrendo sobre os ensinamentos que o pensar sobre a morte nos traz; ou ainda o economista Eduardo Giannetti (2005) ponderando sobre o valor do amanhã, econometria que a nossa transitória vida nos impõe realizar. Até mesmo um best-seller sobre como organizar nossas casas (Kondo, 2013) teoriza sobre a necessidade de nos despedirmos dos objetos que um dia foram úteis a fim de abrir espaço, em nossos armários e em nossas mentes, para o dia de hoje. Como o sociólogo Zygmunt Bauman (2004) bem caracterizou, em nossas líquidas relações contemporâneas, enquanto teorizamos, o mundo se transmuda e já não é mais aquele sobre o que ainda agora iniciamos a falar.

Na mitologia grega há um barqueiro chamado Caronte cujo trabalho é transportar a alma dos que morreram, através dos rios Estige e Aqueronte, para o mundo dos mortos. Reza a lenda que deveriam ser depositados óbolos sobre os olhos do falecido para que o barqueiro realizasse a travessia; caso contrário, o corpo seria deixado vagando às margens do rio, por cem anos ou para a eternidade, num limbo que muitos equiparam ao purgatório católico. O que vejo no conto de Guimarães, e também em minha clínica e na vida, é que aquele que enterra seus mortos é que deverá pagar o óbolo. São seus olhos os que deverão reconhecer que parte valiosa do seu mundo

já não existe, realinhando posições, projetos e valores diante da vida, antecipando a dura aceitação do próprio fim. São os vivos, pois, quando não conseguem reconhecer a morte e realizar a dura travessia do luto, que poderão quedar anos a fio às margens do rio do tempo, sem perceber que também eles terão o momento de atravessá-lo.

Entre o *fumo* utilizado por nossos avós, sinal outrora oferecido pela cultura que a um só tempo indicava e auxiliava a experiência do luto, e o que hoje se tece para que possamos melhor expressar e elaborar nossas perdas, certamente haverá diferenças. Para melhor, suponho; assim como muitos acreditam e como a história nos indica, penso que entre avanços e retrocessos temos aprimorado a nossa humanidade.

La tercera margen del río: sobre las vicisitudes del duelo en la clínica contemporánea

Resumen: En el año 1917 Freud afirmó que, aunque el duelo implique en graves desvíos de comportamiento, no podemos considerarlo como un estado patológico o indicar tratamiento y es por esto que la autora del presente trabajo se pregunta en qué medida esta afirmación freudiana sigue siendo válida en los días de hoy. Fundamentándose en la propia clínica, afirma que hay diferencias: las situaciones de duelo que hoy a menudo son diagnosticadas y medicadas como si se tratara de estados patológicos y la indicación terapéutica siendo una realidad rutinaria. ¿Cuáles serían los posibles elementos que les dan sustancia a estas diferencias? La autora recurre a un cuento del escritor brasileño João Guimarães Rosa como si fuera una metáfora, al psicoanálisis y a diversos pensadores de la cultura contemporánea como sustancia, como también a fragmentos de la clínica como ilustración, todo ello para proponer reflexiones y presentar su posición al respecto de las vicisitudes del duelo en la clínica de los días actuales. ¿El psicoanalista podría constituirse como un compañero que ayude a generar el proceso simbólico, tanto para la vivencia como para la transición y la elaboración del duelo?

Palabras clave: duelo, dolor, asimilación, función alfa, psicoanálisis

The third bank of the river: on the vicissitudes of grief in contemporary clinical practice

Abstract: In 1917, Freud states that, although grief can cause serious behavior deviations, we were not to consider it a pathological state or to prescribe treatment, and the author ponders the extent to which this statement is still valid nowadays. Using her own clinical practice as foundation, the author perceives some differences: grief situations nowadays are often diagnosed and treated with medication as if they were pathological states, and therapeutic recommendation is an everyday reality. What are the possible elements that substantiate these

differences? Using a short story by Guimarães Rosa as a metaphor; psychoanalysis and the ideas of some contemporary culture intellectuals as substance; and fragments of her clinical practice as illustration, the author poses some considerations and introduces her point of view on the vicissitudes of grief in current clinical practice. Can the psychoanalyst establish themselves as a partner who generates the symbolic process when it comes to both the experience as well as the transition and elaboration of grief?

Keywords: grief, pain, assimilation, alpha function, psychoanalysis

Referências

- Arantes, A. C. Q. [TEDx Talks]. (2013, 30 de abril). *A morte é um dia que vale a pena viver* | Ana Cláudia Quintana Arantes / TEDx FMUSP [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/ep354ZXKBEs>
- Barros, C., Filho, & Karnal, L. [Instituto CPFL]. (2016, 28 de junho). *Clóvis de Barros Filho e Leandro Karnal: Felicidade ou morte (Café Filosófico CPFL Especial)* [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/WCsQWHkWXbw>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Zahar.
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hans, Coord. Trad.; Vol. 2, pp. 99-122). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Giannetti, E. (2005). *O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros*. Companhia das Letras.
- Kirschbaum, I. (2017). *Breve introdução a algumas ideias de Bion*. Blucher.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estudos maniaco-depressivos. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad.; pp. 301-329). Imago. (Trabalho original publicado em 1935)
- Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (A. Cardoso, Trad.; pp. 385-412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Kondo, M. (2013). *A mágica da arrumação: a arte japonesa de colocar ordem na sua casa e na sua vida* (M. Oliveira, Trad.). Sextante.
- Lilla, M. (2016, 1º de novembro). *Mark Lilla comenta ascensão do conservadorismo no mundo* [Vídeo]. GloboNews. <http://glo.bo/3yVMUfe>
- Llosa, M. V. (2013, 21 de novembro). *A civilização do espetáculo* [Conferência]. Fronteiras do Pensamento, São Paulo, SP, Brasil.
- Rosa, G. (1994). A terceira margem do rio. In *Ficção completa* (Vol. 2, pp. 409-413). Nova Aguilar.
- Stanton, A. (Diretor). (2008). *Wall-E* [Filme]. Pixar Animation Studios.

Sandra Matoso Trombetta Quintans

Endereço: Rua Antônio Rabelo Júnior, 161/1702 e 1704, Eco Business. João Pessoa/PB.
 CEP: 58038-090
 Tel.: (83) 99981-0665
 E-mail: sandratrombetta@uol.com.br